

# Pastore, pedindo dólares de credor em credor.

A corrida de volta ao mundo para o Brasil conseguir 6,5 bilhões de dólares dos bancos privados internacionais começa hoje com uma reunião do presidente do Banco Central do Brasil com representantes de cerca de 60 bancos e do Fundo Monetário Internacional, na sede da organização, em Washington.

Como se sabe, o comitê de assessoramento bancário, que presta assistência técnica ao governo brasileiro, há dez dias concordou em princípio em contribuir com 6,5 bilhões de dólares em empréstimos ao País (parte de um pacote de 11 bilhões), para o restante deste ano e para 1984.

Embora o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, possa comparecer à reunião, o FMI será de fato representado por William Dale, gerente-adjunto, que, juntamente com William Rhodes, chairman do comitê de assessoramento dos bancos, acompanhará Pastore numa viagem a vários países em busca de adesão dos bancos ao pacote financeiro.

Dale compareceu a diversas reuniões do comitê de assessoramento nos últimos meses. Rhodes se juntará a Pastore, quando o presidente do Banco Central do Brasil passar por Nova York a caminho de Washington, hoje. Segundo fontes financeiras, os três devem ir a Toronto e Califórnia antes de seguir viagem para Honolulu, no Havaí,

onde Pastore falará a uns cinco mil banqueiros por ocasião do encontro da American Bankers Association, no próximo dia 11. De lá, iriam para Tóquio, passando depois pelo Oriente Médio antes de atingir a Europa.

O comitê de assessoramento, o governo brasileiro e o FMI ainda têm de convencer o grosso dos bancos em todo o mundo a participarem do jumbo de 6,5 bilhões de dólares. Espera-se que alguns bancos relutem em aderir. Há dificuldades mesmo com alguns grandes bancos norte-americanos e, entre os demais, os japoneses são dos mais recalcitrantes, segundo fontes do mercado.

## Prazo maior

Quanto à concessão de um prazo maior do que o habitual para o Brasil pagar os 6,5 bilhões de dólares em novos empréstimos que os bancos deveriam fazer ao Brasil, além dos 5,5 bilhões em amortizações devidas em 1984 e que serão reescaladas, disse uma fonte do Citibank que "ainda estamos negociando". A mesma fonte afirmou que não podia anunciar nenhuma decisão preliminar, mas que seria distribuída uma nota à imprensa após a reunião de hoje no FMI.

O Brasil está solicitando nove anos, com cinco de carência, para pagar esses compromissos, pelo que se pode depreender das informações es-

parças colhidas nos meios financeiros. Uma fonte disse que o Brasil solicitou as novas condições, mais favoráveis, antes mesmo da reunião anual do FMI. Geralmente, os prazos concedidos durante esta crise têm sido de oito anos com três de carência.

Quanto à possibilidade de o Brasil conseguir o que deseja, um banqueiro comentou: "Quem realmente quer participar (do pacote), participará de qualquer modo". Mas admitiu que o novo pedido poderá alienar os que ainda não tomaram uma decisão. Além disso, teme que as condições se transformem no novo padrão e que sejam solicitadas por todos os outros devedores. Nesse sentido, afirmou, não serão aprovadas tranquilamente.

Segundo a mesma fonte, Rhodes concordou em fazer a proposta na reunião de hoje. Outro banqueiro disse que isso lhe cheira a balão de ensaio, para ver como a comunidade bancária reage.

— Será interessante ver como as pessoas reagem na reunião (de hoje), disse o vice-presidente de um dos grandes bancos dos Estados Unidos. A seu ver, Pastore poderá perceber de maneira mais clara o estado de espírito da comunidade bancária, já que um número muito maior de instituições estará presente.

(A.M.Pimenta Neves,  
de Washington.)